

O General Sylvio Frota

Paulo Dartanham Marques de Amorim*

Comunicação apresentada em sessão do NEPHIM.

Conheci o General Sylvio Frota no início do ano de 1966 quando, ainda Segundo-Tenente de Cavalaria, me apresentei no Regimento de Reconhecimento Mecanizado, de Campinho, integrante da então Divisão Blindada, sob o comando daquele oficial general.

Já o conhecia de nome e de conversas familiares, uma vez que era companheiro de meu saudoso tio, Heryaldo Martins Ferreira, da turma de novembro de 1932 da Escola Militar de Realengo, a primeira a receber, e honrar, o espadim de Caxias. Essa turma se destinava a ser ímpar na história do Exército e foi também a que mais oficiais gerais formou na arma de Cavalaria, além de integrantes do Alto Comando do Exército, no início dos anos 1970. Servira também com meu pai em duas organizações militares: no CPOR/RJ e no 4º RCD de Três Corações, onde as relações de amizade e companheirismo puderam estabelecer laços sinceros e duradouros.

Comandando a Divisão Blindada, o General Frota impunha-se pela presença

* Coronel de Cavalaria e Estado-Maior. Sócio efetivo do IGHMB.

constante nas unidades: era ativo, exigente, disciplinador e muito se empenhava na resolução dos problemas existentes, principalmente os referentes à manutenção e suprimento do material motomecanizado, então inexistente no parque fabril do nosso País.

Acompanhei a ação do General Frota posteriormente, como Chefe de Gabinete do Ministro de Estado do Exército e Comandante da 1ª Região Militar. Vim a reencontrá-lo, mais assiduamente, quando ele assumiu o Comando do I Exército e eu desempenhava as funções de ajudante-de-ordens do General Edgard Bonneze Ribeiro, seu dileto amigo e prestimoso auxiliar, quer no Comando da 4ª Região Militar e 4ª Divisão de Infantaria, em Minas Gerais, quer no Comando da 1ª Divisão de Exército e Guarnição da Vila Militar. Naquela oportunidade, tive o privilégio de conviver com aquele grande chefe em várias situações: manobras, inspeções, viagens, solenidades, formaturas, visitas de cortesia e, até mesmo, nas situações descontraídas onde extravasava as emoções, os anseios, as frustrações e as esperanças.

Acompanhei a sua trajetória após o Comando do I Exército, quando ele foi chefiar o Estado-Maior do Exército e, poste-

riormente, fruto da fatalidade, assumiu o honroso cargo de Ministro do Exército, função que desempenhou com a mesma dignidade de seus antecessores, em cuja galeria figuram homens da têmpera de Caxias e Osório.

Após 12 de outubro de 1977, por várias vezes fui visitá-lo na intimidade do modesto apartamento 401 da Rua Engenheiro Richard, 156. Algumas vezes acompanhado de meu irmão, Coronel Athos Marques de Amorim que, junto ao Coronel Nilson Melo, foi seu último assistente-secretário.

Trinta anos de conhecimento me permitem falar sobre o General Sylvio Frota. Faça-o agora, na esfera das minhas atribuições e nesta Casa de Cultura, onde se espera sejam cultuados os valores e as figuras da nossa História Militar.

Sylvio Frota foi para mim, antes de mais nada, um homem de virtudes. No dizer do General Alacyr Frederico Werner, foi mesmo vítima de suas virtudes, tão raras nos dias de hoje.

Meu longo convívio com o saudoso chefe me permitiu distinguir as virtudes do soldado, do homem e do cidadão.

Como soldado, admirei-lhe a coragem e o espírito militar.

A coragem, atributo maior do chefe, ele a possuía no campo físico e no moral.

Busquemos na história, e nos contrários, a coragem do jovem Tenente de Cavalaria Sylvio Frota, de 25 anos, quando era instrutor do CPOR/RJ, em novembro de 1935.¹

Possuía a coragem moral de defender os seus subordinados quando em causa justa; sabia ouvir e concordar com idéias coerentes.²

Teve ainda a coragem de arriscar a sua carreira no famoso *Memorial dos Coronéis*, do qual foi um dos articuladores.

Seu espírito militar sobressaiu quando assim se expressou:

Envaideço-me de ter sido sempre soldado, indiferente às tentações dos bens materiais, imune às ambições do poder e infenso às sedutoras tentativas de afastar-me do quartel. Preferi, por cinco décadas, viver no puro ambiente das casernas – de sacrifícios e pesados trabalhos – onde o cansaço traz a sensação do dever cumprido e todas as ações expressam harmonia. Nelas se encontram as nossas mais nobres reservas cívicas, e delas têm partido, nos momentos precisos, sob incontrolável impulso patriótico, reações enérgicas para conter as ameaças feitas à Nação brasileira e seu regime.

Em nenhuma oportunidade servi-me do Exército, em tempo nenhum hesitei servi-lo.

O Exército só tem sido lembrado nos períodos de crise, quando dele se precisa para manter a ordem pública e o regime.

Lamentava-se entretanto:

O militar, para muitos, só tem deveres e nunca direitos; é um ente passível de todos os sacrifícios, sem murmúrios. A disciplina é confundida com subserviência e a hierarquia com instrumento de prepotência.

São julgamentos de lamentável injustiça.

No homem e no cidadão, destaquei a simplicidade, a fraternidade, o amor à família, o espírito democrático e a honestidade.

Nascido de família modesta, tive, a acalantar-me, no sono de menino pobre, os sonhos de uma carreira militar, vocação sublime que conservei ao longo de uma vida inteiramente dedicada ao Exército. Aprendi, no lar paterno e nas agruras dos que lutam sozinhos, a valorizar as coisas simples, por serem racionais; a desprezar a ostentação,

1 Ler *Olga* – Fernando Morais, 5. ed., p. 83.

2 Inspeção no 8º GACosM, Capitão Gerson.

vizinha íntima da mediocridade; a respeitar a dignidade alheia, visto que o brio não constitui privilégio de ricos ou de pobres, mas sim apanágio dos homens de bem; e a ver no esforço pessoal a única fórmula digna de se alcançar o sucesso. Senti, também, naqueles já longínquos e difíceis dias, a necessidade imperiosa da fraternidade cristã que, pela repartição do pouco, assegura a todos o indispensável. Encontrei, pois, no Exército, a profissão em que poderia realizar-me, porquanto se a disciplina é espantoso e pesado grilhão para os ambiciosos, torna-se suave trilha para os que trazem o destino de servir.

A sua vida militar coincidiu com um dos períodos mais turbulentos da nossa evolução política.

Promovido a general-de-brigada em meados dos anos 1960, viu nascer, crescer e tomar corpo o movimento terrorista de triste memória.

Firme e determinado na sua jugulação, não permitiu, entretanto, o desrespeito à dignidade humana. Foi vítima de julgamentos equivocados, por pessoas que não presenciaram a sua atuação.

Dividi minha vida entre o Exército e a família, talvez com prejuízo desta, são as suas palavras.

Chefe de família amoroso e devotado, era de emocionar o seu carinho, paciência e cuidados para com o filho Sérgio, que o acompanhava até mesmo em atos de serviço, devido à necessidade de sempre assisti-lo. Nunca o vi lamentar-se do pesado encargo. Esse padecimento talvez tenha aguçado a sua compreensão para com os problemas de saúde de seus subordinados e familiares. Em sua gestão ministerial teve a coragem de implantar o FUSEX, projeto que se arrastava havia anos. Idealizou e projetou ainda uma

grandiosa unidade hospitalar para substituir o HCE.

Do filho Luís, gabava-se pela aplicação nos estudos, aceitando resignadamente, quando o então aluno do Colégio Militar, hoje contra-almirante da nossa Marinha, meio sem jeito, participou-lhe que não desejava ir para o Esquadrão de Cavalaria.

Sempre atencioso e preocupado com a sua filha, Professora Dylce, testemunhei a sua aflição e movimentação quando se cogitou de retirar a pensão das filhas dos militares.

Homem de imaculada honestidade, não conseguiu amealhar recursos para deixar aos seus.

Testemunhei a dor do general e de toda a família quando Dona Ydia, companheira dedicada e sempre presente, mãe de família amorosa, atendeu ao chamado do Senhor. Senti naquela manhã, no Cemitério São Francisco Xavier, que o general não lhe sobreviveria em muito.

Sylvio Frota era um homem da família – seu caráter forjou-se no lar paterno. O Exército, essa grande instituição, apenas aprimorou-lhe as qualidades.

Ao receber o título de *Cidadão Sobralense*, quatro anos após deixar o Ministério do Exército, assim se expressou sobre a figura do seu pai, o cearense Virgílio Coelho da Frota:

Educou-me nos mais nobres e rígidos princípios morais. Transmitiu-me os ensinamentos de que, no universo, só a sabedoria divina é infinita e que a Pátria é o objeto constante de nossa veneração. Dizia-me que o importante para a consciência é ser justo, dela banindo as preocupações de ser considerado bom ou mau. Prevenia-me, com insistência, contra a ambição, a hipocrisia e o egoísmo dos homens, defeitos respon-

sáveis, principalmente entre os governantes, pela insensatez de seus atos.

Nos cinqüenta anos em que servi ao Exército pude verificar quão judiciosos foram esses conselhos e advertências. Eles orientaram minha carreira militar e mostraram-se sempre verdadeiros em todas as situações de crise, como as das muitas Revoluções que vivi, e deixaram traços indeléveis em minha lembrança.

Foi um democrata e um revolucionário convicto desde as origens do movimento de 31 de março de 1964. Expressava o seu pensamento político em uma ordem clara e racional:

Aceito e defendo a Democracia como a mais bela forma de regime político, porque somente ela poderia permitir que um menino descalço do distante subúrbio de Cachambi chegasse a Ministro, nos atapetados gabinetes de Brasília.

Coerente com meu ponto de vista de que ao setor privado compete, num regime de livre iniciativa, as atividades de produção, determinei aos órgãos adequados propusessem a criação da indústria de material bélico, o que foi feito.

A existência de um processo de domínio, pelo Estado, da economia nacional – inclusive das empresas privadas – de modo a condicionar o empresariado brasileiro aos ditames do governo, caracteriza, entre nós, uma estatização clara, inadmissível num regime democrático de liberdade responsável e de estrutura econômica de livre iniciativa, o que nos coloca mais no quadro dos países do Leste europeu do que no bloco ocidental.

Sobre as revoluções, das muitas que presenciou, assim se expressou:

As Revoluções processam-se quando os padrões de cultura de um povo tornam-se incompatíveis com os seus anseios de vida. É imperativo, pois, mudá-los mas, desse empreendimento perigoso, só se arrogam, inicialmente, os genuínos idealistas. Por isso, pelos riscos que oferecem, nascem nas catacumbas e tem seus primeiros vagidos abafados pelo segredo. Fazem-nas, portanto, os idealistas; porém, se vitoriosas, não raro, são usufruídas gostosamente pelos oportunistas.

Entretanto, as revoluções também morrem.

Entram em agonia quando, à semelhança do mitológico Saturno, começam a engolir os homens de ideais que as fizeram, e perecem no momento em que as hordas de aproveitadores acabam de asfixiá-las. Vemos, então, os seus mais puros princípios e aspirações serem jogados, à matroca, no rio das ambições e interesses pessoais e liberarem-se forças imprevisíveis que os lídimos revolucionários sobreviventes jamais poderão conter.

Da honestidade, tive no General Frota, os mais claros exemplos. Dele ouvi certa vez: *não basta ser, é preciso também mostrar que se é.*

Após exercer o cargo de Chefe de Gabinete do Ministro do Exército, foi-lhe oferecida uma missão no exterior, que de pronto recusou. Como revolucionário, não desejara dar mostras de se aproveitar da situação vitoriosa.

Acompanhando-o em certa inspeção às guarnições de Minas Gerais, presenciei-o na recusa de presentes e gentilezas do Governo estadual. Não se permitiu nem ser considerado hóspede do governo, uma vez

que se encontrava em missão militar e funcional.

Quando ministro, quando vinha ao Rio de Janeiro, preferia a modéstia do seu apartamento no Grajaú às mordomias do Palacete Laguna.

Não sou a melhor pessoa para falar do General Frota. Sinto-me traído pela emoção pois, ao grande chefe, após trinta anos de

conhecimento, sou reconhecido e grato pela amizade com que me honrou.

O reconhecimento é fruto do raciocínio, gera-se na mente, que é, no pensar filosófico dos iluministas, o guia infalível da sabedoria, ao passo que a gratidão nasce nas cavidades quentes do coração, a sede das emoções humanas, no consenso de nossa religiosa gente. (Sylvio Frota.)



"Os Ladrões do Tempo"

"Sabei cristãos, sabeis príncipes, ministros que se vos há de pedir conta do que fizestes; mas muito mais estreita do que deixais de fazer. Pelo que fizeram, se não de condenar muitos; pelo que não fizeram, todos. Não deixe o Ministro de fazer o que tem de obrigação e pode ser que se salve melhor em um Conselho do que em um deserto. Tome por disciplina a diligência, tome por cilício o zelo, tome por contemplação o cuidado e tome por abstinência o não tomar, e ele se salvará."

"Uma das coisas de que se devem acusar e fazer grandes escrúpulos os ministros é dos pecados do tempo."

"Por que fizeram o mês que vem o que se havia de fazer no passado?"

"Por que fizeram amanhã o que se havia de fazer hoje?"

"Por que fizeram depois o que se havia de fazer agora?"

"Ah! Omissões. Ah! vagares do tempo, ladrões do tempo."

"Não haverá uma Justiça exemplar para esses ladrões?"

Padre Antônio Vieira — Sermões